



A PROFANAÇÃO DO APRENDIZ: ATITUDES DO ESPECTADOR E DO ALUNO EM CONTATO COM O TEATRO

EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS

*Ohanna Simioni Picolo Pereira*¹
(ohannaspp@gmail.com)

Introdução

Este texto propõe-se a traçar um caminho crítico reflexivo acerca das relações de poder existentes nas áreas da Arte e Pedagogia. Trazendo enfoque para os âmbitos da prática teatral na qual tange a relação artistas-espectadores e para o ensino do teatro, que diz respeito à relação professores e alunos.

Pretendemos oferecer um espaço para discutir e evidenciar os procedimentos ou experiências nas artes cênicas e no ensino do teatro, os quais buscam deslocar-se da lógica da informação para a lógica da experiência, em que valorizam não necessariamente a transmissão de conhecimento, mas a criação de espaços de fruição e experimentação na qual o participante, espectador ou aluno expandem seus modos de percepção e criem significados únicos, de forma horizontal em relação aos seus mestres.

Desenvolvimento

Pensar acerca atividades artísticas pedagógicas não dominadas pela palavra e sim que ajam nos sentidos de percepção do participante oferece possibilidades capazes de encorajar o aluno ou espectador a diluir as fronteiras entre aprendizes e mestres, não somente dentro da instituição educacional ou em frente à obra artística, mas também na vida e em suas relações.

Estudos acerca da teoria da recepção teatral contribuíram para que, hoje, consideremos o espectador como uma função dentro do teatro, ele não é só aquele quem olha, mas sim aquele que participa. Se o espectador não está engendrado dentro do espetáculo ele já não é mais espectador. A participação do espectador se caracteriza

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teatro (PPGT): Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



como uma conquista, a capacidade de colocar-se como peça fundamental diante da obra, e é um caminho a ser trilhado que não se enquadra em um local já pré-determinado.

Na tese proposta por Lehmann (2007), os artistas pós-dramático transitam pela profanação aos dispositivos hegemônicos, na ideia de que os elementos do teatro dramático são quase que divinos e não se deve contestá-los. As ações que o teatro pós-dramático vem a tomar são exercícios de profanar essas estruturas tão enraizadas sobre o que é palco, o que é plateia, o que é texto ou o que é teatro. Consequentemente, enfrentar essas ideias por meio de produções teatrais, pode atingir o espectador, motivando-o para que ele assista essa profanação e, quem sabe, possa contestá-la também.

Da mesma forma que estamos dialogando a respeito das figuras de artistas e espectadores envolvidos com processos teatrais, cabe aqui ampliar a discussão para o âmbito da Pedagogia das Artes Cênicas. De maneira que, a interlocução entre práticas artísticas que rompem com a práxis teatral e o ensino do teatro nas escolas, estimulam novas formas de participação dos alunos. O elo entre os dois âmbitos possibilita espaços de troca entre professores e alunos ou espectadores e artistas, para um lugar além do que se espera ao estar inserido em instituições pedagógicas, “onde o exercício da autoridade e submissão dos sujeitos não têm outro objetivo além da progressão destes sujeitos, até o limite de suas capacidades” (RANCIÈRE, 2002, p.10).

Utilizaremos como embasamento teórico conceitual leituras do filósofo Jacques Rancière. O autor discute sobre a distância prescrita entre os mestres e os aprendizes, acarretando em um debate sobre relação de verticalidade e superioridade de um sobre o outro. Por meio dos seus conceitos, ele manifesta uma reflexão sobre a quebra da dominação e da importância do *embaralhamento* da fronteira entre aqueles que agem e os que olham. De modo que nos leva a refletir criticamente e repensarmos nessa lógica que envolve autoridade e, ainda, habita o espaço educacional e o ensino do teatro.

Jacques Rancière estabelece uma relação intrínseca entre a criação teatral e a pedagogia, dado que o seu livro *O espectador emancipado* (2012) nasceu a partir de uma forte demanda de um grupo de artistas acerca de sua outra obra, *O mestre ignorante* (2002). A relação entre ambas diz respeito à distância prescrita entre os mestres (professores/artistas) e os aprendizes (alunos/espectadores). Entra em debate a relação de verticalidade e superioridade de um sobre o outro:



O papel atribuído ao mestre é o de eliminar a distância entre seu saber e a ignorância do ignorante. Suas lições e os exercícios que ele dá tem a finalidade de reduzir progressivamente o abismo que os separa. Para substituir a ignorância pelo saber, ele deve sempre dar um passo à frente e repor entre si e o aluno uma ignorância nova: O ignorante não é apenas aquele que ignora o que o mestre sabe, é aquele que não sabe o que ignora nem como o saber. O mestre, não é apenas aquele que tem o saber ignorado pelo ignorante, é também aquele que sabe como torná-lo objeto de saber, o momento de fazê-lo e que protocolo seguir para isso (RANCIÈRE, 2012, p. 13).

O que propõe Rancière é que a figura do aprendiz crie significados únicos, de forma horizontal em relação aos mestres. A ideia de *igualdade de inteligências* (2002) apontada pelo filósofo manifesta uma reflexão sobre o rompimento da distância entre as duas figuras e os desafios que o ensino de saberes encara para borrar qualquer modo autoritário presente nessas relações, sejam no âmbito dos espaços educativos formais ou informais.

Diante dos contextos apresentados nos livros citados de Rancière, propomos um diálogo com a perspectiva filosófico-política de Jan Masschlein e Maarten Simons no livro *Em defesa da escola* (2014). Os autores desenham uma linha reflexiva acerca o conceito da escola e o modo com que ela se organiza.

Para os autores, a escola implica primeiramente a *suspensão de um tempo e de um espaço* para *profanar* o saber estabelecido e dar lugar para o convite de questionar e analisar os saberes a partir de outros lugares. A escola também é um lugar em que se *educa a atenção*, em que se produz e promove um tipo de trabalho e olhar para o mundo que não está disponível em outros espaços e que é antes de tudo um espaço de iguais.

A *suspensão de um tempo e de um espaço* configura no sentido da escola ser o lugar que requer a produção de uma atenção e trabalho sobre a percepção. A *profanação* está no sentido de problematizar, questionar, apropriar-se de perspectivas distintas, interrogar com linguagens novas aquilo que já era conhecido ou acreditado. E *educar a atenção* equivale à regulação e recriação da atenção a partir das mudanças dos modos perceptivos dos participantes, os quais se alteram em fluxo instável de acordo com as transições artísticas pedagógicas que cercam a contemporaneidade.

A transição da relação de verticalidade para a horizontalidade também é um requisito para a profanação do saber. A escola, assim como o teatro, quando reconhecidos como espaços de iguais, responsabiliza-se por convidar todos a se aproximar, como uma nova experiência, e permitir a cada um apropriar-se desse saber a partir da sua percepção individual e intransferível.



A ideia de profanação dos saberes como uma atividade exercida pelos aprendizes que buscam encontrar seus lugares de horizontalidade em relação aos mestres tem sido retomada em diferentes pesquisas acadêmicas que incluem áreas de Artes e Pedagogia. Dado que determinada investigação sobre essas atitudes destinam-se a colaborar com as demandas estéticas artísticas e educativas emergentes na contemporaneidade.

Considerações finais

A partir do ponto de reconceitualização sobre escola e aprendizes no livro de Masschlein e Simons, apresentamos as seguintes problemáticas: Qual o papel do ensino do teatro e das artes no âmbito da escola em suspensão? Quais operações artísticas pedagógicas que têm que ser postas para encorajar a profanação? Que condições permitem que o convite a profanar o saber possa se concretizar em ações cotidianas? E como se pode fazer para que isso perdure?

A pesquisa que se encontra em andamento no Programa de Pós-Graduação em Teatro, na Universidade do Estado de Santa Catarina, não pretende responder com exatidão os questionamentos apresentados no texto, mas que seja possível, por meio do acompanhamento de práticas artísticas e pedagógicas no ensino do teatro, identificar alguns exemplos de *suspensão, profanação e educação da atenção*, os quais permitem ver e fazer enxergar que a escola não é uma intuição homogênea e unificada, mas sim habitada por complexas interações em várias direções.

Referências

- LEHMANN, Hans-Thies. **O teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosacnaif, 2007.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autentica, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C Benedetti. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.